

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT17.004

CONSCIENTIZAÇÃO E CONTROLE DE ZONOSSES: UMA ABORDAGEM PARA O BEM-ESTAR COLETIVO NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU – RJ

FEDERICO DOS SANTOS CUPELLO

Docente da Universidade Estácio de Sá - RJ, cupello.vet@gmail.com;

LAÍZA FERNANDES ALCAIRES

Graduanda do Curso de Medicina Veterinária Mestrando da Universidade Estácio de Sá - RJ, laizaalcaires@hotmail.com;

MONIQUE DE SOUZA FERREIRA

Graduanda do Curso de Medicina Veterinária Mestrando da Universidade Estácio de Sá - RJ, msfkfm1985@gmail.com;

NURIANE PAULINO SILVA SILVEIRA

Graduanda do Curso de Medicina Veterinária Mestrando da Universidade Estácio de Sá - RJ, 23nuriane@gmail.com

RESUMO

Zoonoses são enfermidades infecciosas transmitidas de animais para seres humanos, cuja etiologia pode ser atribuída a agentes parasitários, bacterianos, virais e fúngicos. A disseminação dessas patologias é potencializada pela inadequação das práticas sanitárias, pela deficiência no controle de vetores, pela carência de imunização e desparasitação animal, bem como por outros fatores, tais como a manutenção irregular de espécimes silvestres em cativeiro ou seu consumo. Considerando os aspectos do bem-estar coletivo, englobando seres humanos, animais e o ambiente, conforme preconizado pelo conceito de Saúde Única, o presente estudo teve como finalidade identificar os conhecimentos e fomentar a conscientização por parte da população sobre profilaxia e controle de zoonoses. Esta investigação contou com a utilização de questionário semiestruturado, o qual foi aplicado nos meses de julho e agosto de 2022, no município de Nova Iguaçu. Os resultados foram submetidos à análise estatística pelo teste do qui-quadrado. Os resultados evidenciaram a escassez de conhecimento

da população sobre o tema de investigação, mesmo diante da existência de campanhas públicas de imunização, cuja abrangência não alcança a totalidade dos animais domésticos na região. Visando contribuir para a popularização dos conhecimentos foi elaborado um e-book com informações básicas sobre as principais zoonoses que podem afetar a região. A mobilização social por meio da ampliação do conhecimento da população acerca das zoonoses é fundamental para mitigar a disseminação dessas moléstias e propiciar o bem-estar de todos os envolvidos, englobando seres humanos, animais e o meio ambiente.

Palavras-chave: Zoonoses, Saúde única, Mobilização social.

ABSTRACT

Zoonoses are infectious diseases transmitted from animals to humans, whose etiology can be attributed to parasitic, bacterial, viral and fungal agents. The spread of these pathologies is increased by the inadequacy of sanitary practices, the deficiency in vector control, the lack of immunization and animal deworming, as well as other factors, such as the irregular maintenance of wild specimens in captivity or their consumption. Considering the aspects of collective well-being, encompassing human beings, animals and the environment, as recommended by the concept of One Health, the purpose of this study was to identify knowledge and promote awareness among the population about prophylaxis and control of zoonoses. This investigation used a semi-structured questionnaire, which was applied in the months of July and August 2022, in the municipality of Nova Iguaçu. The results were subjected to statistical analysis using the chi-square test. The results highlighted the lack of knowledge among the population on the topic of investigation, even in the face of the existence of public immunization campaigns, the scope of which does not reach all domestic animals in the region. Aiming to contribute to the popularization of knowledge, an e-book was created with basic information about the main zoonoses that can affect the region. Social mobilization through expanding the population's knowledge about zoonoses is essential to mitigate the spread of these diseases and promote the well-being of everyone involved, including human beings, animals and the environment.

Keywords: Zoonoses, Single Health, Social mobilization.

1. INTRODUÇÃO

O termo zoonose (do grego zoon: animais, e noso": doenças) vem sendo utilizado desde o século XIX e possui diversos significados. Inicialmente foi utilizado para indicar doenças em animais (ÁVILA-PIRES, 1989). Atualmente, define-se zoonoses como doenças que são transmitidas entre animais e humanos (HUBÁLEK, 2003; MESSENGER et al., 2014).

Os seres humanos sempre tiveram uma relação de dependência com os animais, como para alimentação, transporte, trabalho e companhia, entre outros. Todavia, esses animais podem ser fontes de doenças infecciosas para a população humana (SEIMENIS, 2008). Os animais silvestres e domésticos podem ser considerados reservatórios, isto é, um hospedeiro vertebrado no qual o agente etiológico se instala, multiplica-se e é eliminado para o ambiente, ou podem ser portadores, que mantêm o agente etiológico dentro de si, sem apresentar sintomas de zoonoses de potencial importância para a saúde pública ou para a conservação da vida silvestre (OPAS, 2010).

De acordo com o sentido da transmissão, as zoonoses podem ser classificadas em: antropozoonose, zooantroponose e anfixenose; ou ainda, de acordo com o ciclo de manutenção do agente etiológico são classificadas em: zoonose direta, ciclozoonose, metazoonoses e saprozoonose (SILVA et al., 2009).

Segundo Vasconcellos, 2003 as zoonoses também podem ser classificadas conforme o tipo de transmissão como:

- **Antropozoonose** - doença primária de animais e que pode ser transmitida aos humanos. Ex.: brucelose, onde os humanos são infectados acidentalmente.
- **Zooantroponose** - doenças próprias de humanos que são transmitidas a animais. Ex.: tuberculose, amebíase, difteria etc.
- **Anfixenose** - doença que circula indiferentemente entre humanos e animais, isto é, tanto os animais como os humanos funcionam como hospedeiros do agente.
- **Ciclozoonose** - agente que necessita obrigatoriamente passar por duas espécies distintas de animais vertebrados para que o seu ciclo se complete. as doenças em que o ciclo biológico completo do agente etiológico

necessita obrigatoriamente da passagem por seres humanos e animais. Ex.: Complexo Teniase-Cisticercose.

- **Metazoonose** - a perpetuação do agente causador requer o envolvimento de vertebrados e invertebrados para transmissão da doença. Compreende enfermidades que são veiculadas aos humanos por meio de vetores. Ex.: febre amarela, encefalites equinas etc.
- **Saprozoonose** - além da exigência de hospedeiro vertebrado no ciclo de desenvolvimento, requerem também um local inanimado para concluir o processo evolutivo e tornar-se infeccioso. O local inanimado pode ser representado por matéria orgânica, alimentos, solo, água, plantas etc. Ex.: fasciolose, tungíase etc.

Considerando as referências selecionadas, existe uma variedade de doenças transmitidas por animais para seres humanos ou, de forma mais rara de seres humanos para animais, sendo conhecidas como zoonoses reversas.

O tema traz uma reflexão importante sobre a prevenção de doenças em animais e não apenas protege sua saúde e bem-estar, mas é uma das medidas mais eficazes que podemos tomar para proteger a saúde das pessoas.

Assim sendo, o objetivo do presente trabalho foi avaliar, através de uma pesquisa investigatória, a importância da conscientização da população sobre as zoonoses, as principais enfermidades, bem como o histórico e os animais envolvidos.

DA HISTÓRIA À PREVENÇÃO DE ZONOSSES

1.2 CONCEITO

Desde a Idade Antiga existem relatos do surgimento de doenças devido à presença ou influência dos animais. A primeira epidemia que se tem registro ocorreu no Egito entre 54 e 202 a. C., com alta letalidade. Uma segunda epidemia, da peste negra, ocorreu no início no século XIV e persistiu até o século XVI, na Ásia, Europa e norte da África. Uma terceira epidemia ocorreu em 1984 na China e espalhou-se para outros continentes por transporte marítimo.

As zoonoses geram impactos não apenas à saúde pública, mas também causam graves perdas econômicas. A busca de soluções para esses problemas, dada a sua complexidade, implica em uma abordagem de cooperação em nível intersetorial

e requer contribuição, intervenção e colaboração de equipes profissionais dos setores da saúde humano, animal e ambiental. (OLIVEIRA NETO et al. 2018).

Segundo Santos et al. (2015), os governos precisam formular e adotar políticas de saúde pública que levem em consideração os vários fatores que aumentam o risco e dificultam o controle das zoonoses, tais como, mudanças climáticas, desmatamento, incêndios florestais que afetam a biodiversidade genética da vegetação e a destruição do habitat animal, aumento da relação entre humanos e animais selvagens, animais abandonados nas vias públicas, viagens intercontinentais, entre outros.

As zoonoses podem ser classificadas em emergentes e reemergentes. Zoonose emergente é uma doença transmitida por um agente etiológico conhecido recentemente ou uma zoonose já reconhecida, que mostra aumento na sua incidência ou expansão na área geográfica quanto ao número de hospedeiros ou vetores (CUTLER et al., 2010). Zoonose reemergente é uma doença endêmica ou conhecida que amplia a gama de hospedeiros e aumenta a prevalência significativamente (MATOS et al., 2011).

A transmissão pode ocorrer de forma direta, principalmente através do contato com secreções (saliva, sangue, urina ou fezes) ou contato físico, como arranhaduras ou mordeduras. A transmissão de forma indireta pode acontecer por meio de vetores como mosquitos e pulgas; por contato indireto com secreções; pelo consumo de alimento contaminado com o agente (viral, bacteriano, fúngico ou parasitário), entre outras (SOARES, 2004; TAYLOR, 2007).

1.3 AS PRINCIPAIS ZONOSSES SÃO:

Criptococose é uma doença infecciosa fúngica fatal de ampla distribuição geográfica que acomete animais e seres humanos. Conhecida também como torulose, blastomicose europeia ou doença de Busse- Buschke, a criptococose apresenta natureza sistêmica de via inalatória, causada pelo fungo *Cryptococcus neoformans*, uma levedura encapsulada e considerada uma das micoses oportunistas que mais acomete pacientes imunodeprimidos, de modo especial os portadores da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). A doença tem distribuição cosmopolita, ou seja, encontrada praticamente em qualquer local urbano do mundo e está relacionada com solos contaminados naturalmente com fezes de aves,

principalmente de pombos (FRANZOT et al., 1999; MOREIRA et al., 2006; MORETTI et al., 2008; QUEIROZ et al., 2008).

Dengue e a Zika são doenças infecciosas transmitidas por vírus que possuem parte do seu ciclo de vida no mosquito *Aedes aegypti*, que ao picar as pessoas, transmite o vírus, que completa o seu ciclo de vida no organismo da pessoa e leva ao surgimento de sinais e sintomas da doença.

Ebola, uma doença grave e letal para a maioria dos pacientes, ocorreu na República Democrática do Congo e no Sudão, de forma simultânea, há mais de 30 anos (GROSETH et al., 2007).

Febre amarela é uma doença causada por um vírus cujo ciclo de vida acontece em mosquitos, principalmente nos mosquitos do gênero *Aedes*. Por isso, a febre amarela é transmitida para as pessoas por meio da picada de mosquitos infectados. Em regiões de floresta, além da transmissão pelo mosquito do gênero *Aedes*, é possível a transmissão do vírus por mosquitos do gênero *Haemagogus* e *Sabethes* e nessas regiões os macacos são considerados principais reservatórios desse vírus. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Febre maculosa surgiu nos EUA no século XIX, no estado de Idaho, na região das montanhas e o agente causador da doença foi descoberto por Howard Taylor Ricketts (FIOL, 2010).

Gripe suína, como é conhecida popularmente, é uma doença respiratória causada pelo vírus Influenza A que foi identificado primeiramente em porcos. No entanto, foi caracterizada como uma combinação de genes dos vírus da gripe suína, aviária e humana e logo se espalhou rapidamente pelo mundo causando cerca de 12.800 óbitos em 2009, seu primeiro ano de circulação (BELLEI; MELCHIOR, 2011; MANUAL MSD, 2020; FIOCRUZ, 2021).

Leishmaniose é uma enfermidade que acomete o ser humano desde o século I d.C., e foi até representada em cerâmicas pré-colombianas no continente americano, de índios peruanos, datadas de 400 a 900 anos d.C. (BASANO, 2004).

Leptospirose é uma doença causada pela bactéria *Leptospira*, que pode ser encontrada em ratos, principalmente. A transmissão para as pessoas acontece por meio do contato com a urina ou fezes do animal contaminado, havendo a entrada da bactéria no organismo da pessoa por meio de mucosas ou feridas na pele. (MARTINS; CASTIÑEIRAS, 2016) (POLACHINI, 2015)

Raiva humana é uma doença infecciosa causada pelo vírus da família *Rhabdoviridae* e pode ser transmitido para as pessoas por meio da mordida do

morcego ou de cachorro infectado, o que é mais provável de acontecer. Ao morder a pessoa, o vírus presente na saliva do animal entra diretamente na corrente sanguínea da pessoa e consegue espalhar-se para o sistema nervoso, levando ao aparecimento dos sinais e sintomas característicos da doença. (BATISTA et al., 2007; BABBONI et al., 2011).

Toxoplasmose é uma doença infecciosa popularmente conhecida como doença dos gatos, pois o parasita responsável por essa doença, o *Toxoplasma gondii*, possui como hospedeiro intermediário os felinos, principalmente os gatos, ou seja, parte do seu ciclo de vida deve ser no gato. Dessa forma, as pessoas podem ser infectadas pelo *Toxoplasma gondii* por meio do contato direto com fezes dos gatos infectados ou por meio da ingestão de água ou alimentos contaminados com cistos do parasita. (FIALHO et al., 2009).

Varíola dos macacos é uma doença infecciosa causada pelo monkeypox vírus, um vírus pertencente ao gênero *Orthopoxvirus*, que pode ser transmitida de animais para pessoas através do contato com as secreções e sangue de animais infectados, principalmente roedores.

Apesar de poder ser transmitido de animais para pessoas, a transmissão da varíola dos macacos parece ser mais fácil por meio do contato direto com as feridas e secreções das feridas. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Os vetores são importante componente na transmissão de zoonoses porque são responsáveis por transmitir o agente etiológico dos animais para os seres humanos. Dentre eles podemos destacar os animais pertencem ao filo *Arthropoda* e são representados pelos mosquitos, piolhos, pulgas, carrapatos e barbeiros (ÀVILA-PIRES, 1989).

O aumento do comércio de animais silvestres tais como peixes, furões, alguns roedores, tartarugas, cobras, lagartos, pássaros e, também, de animais domésticos como cães e gatos, coelhos, hamsters, porquinhos-da-Índia, entre outros, provocou o surgimento de novas zoonoses, pois esses animais podem hospedar agentes etiológicos nunca identificados em uma área geográfica (ESTEVAM; JOB, 2016).

As ações de prevenção de zoonoses caracterizam-se por serem executadas de forma temporária ou permanente, dependendo do contexto epidemiológico, por meio de ações, atividades e estratégias de educação em saúde, manejo ambiental e vacinação animal. (FERNANDES et a, 2013). Para evitar zoonoses é importante ter atenção à higienização do ambiente e à higiene pessoal, lavando as mãos sempre após entrar em contato com os animais e mantendo os locais habitados pelos

animais nas condições ideais. Além disso, é importante manter as vacinas dos animais em dia.

É recomendado também ter cuidados ao manusear e preparar os alimentos, ter atenção à qualidade da água e evitar o contato com animais desconhecidos. Além disso, é importante que o governo promova estratégias de controle sanitário, higienização e vacinação nas instalações de criação de animais.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir de uma pesquisa revisão sistemática e entrevista semiestruturada. O questionário foi aplicado em junho de 2022, na região de Nova Iguaçu, e tinha a finalidade de avaliar os conhecimentos da população acerca das zoonoses.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica abordando como evitar as principais zoonoses de importância para a saúde pública. Este trabalho se enquadra como uma revisão de literatura, onde buscou-se informações em artigos publicados em plataformas digitais como o Google Acadêmico (Scholar.google.com.br), contou com a análise de artigos científicos entre 2011 e 2022 disponíveis na base de dados do Google Acadêmico e SciELO. Os descritores utilizados nesta investigação foram os termos “doenças zoonóticas”, “zoonotic diseases”, “reservatórios”, “reservoirs”, “vetores”, “vectors”, “transmissão” e “transmission”.

Buscando-se informações sobre definições de zoonoses, principais doenças de importância para saúde pública, tais como giardíase, larva migrans, toxoplasmose, leptospirose, raiva e tuberculose, transmissão destas doenças e como evitá-las. Com o conhecimento relacionado a este grupo de doenças, principalmente conhecendo como é a sua transmissão é possível intervir por meio de ações simples com a finalidade de evitá-las, promovendo a saúde da população humana e animal e proporcionando um ambiente seguro

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca aos estudos com o cruzamento dos descritores, foram encontrados um total de 231 artigos. Após aplicados os filtros: texto completo disponível, idioma português e base de dados eletrônicas, restaram um total de 17 artigos.

De acordo com os resumos disponíveis, tendo como base os critérios de inclusão, foram incluídos apenas 6 artigos, assim a amostra final foi constituída por 6 artigos.

Após análise de todos os artigos selecionados, emergiram considerações importantes que levaram a conclusão dessa pesquisa. De acordo com o estudo de Menezes et al. (2014) foram apresentadas questões relacionadas ao conhecimento acerca de zoonoses relacionadas ao convívio humano entre animais considerados de estimação, bem como aqueles em que normalmente são considerados de grande porte como por exemplo gado, equinos dentre outros. Tomando como base os resultados obtidos no estudo supracitado, podemos inferir que a percepção acerca da leishmaniose, é diretamente proporcional ao nível de escolaridade da população entrevistada, uma vez que, mesmo convivendo diariamente, ainda tem percepção inferior ao tema quando comparados a médicos veterinários ou outros profissionais de nível superior.

O estudo de Oliveira Neto et al. (2018) mostrou que a zoonose que despertou mais preocupação com relação ao conhecimento dos tutores foi a esporotricose, pois apenas 9% dos entrevistados disseram conhecer ou já ter ouvido falar da doença. O que nos leva a perceber que a população do estudo em questão encontra-se praticamente analfabeta sobre o assunto.

Diante do exposto podemos perceber que, quando nos referimos a doenças menos comuns, automaticamente aumenta o desconhecimento das pessoas, no entanto, essa falta de percepção não diminui os riscos que correm tanto os seres humanos quanto os animais.

Através da entrevista de campo do grupo e seus resultados, observa-se que a população tem conhecimento de zoonoses mais comuns como a raiva e a leptospirose, entretanto desconhecem ações ou programas de conscientização e ao menos informações sobre prevenção e cuidados, no que diz respeito à saúde pública como um todo.

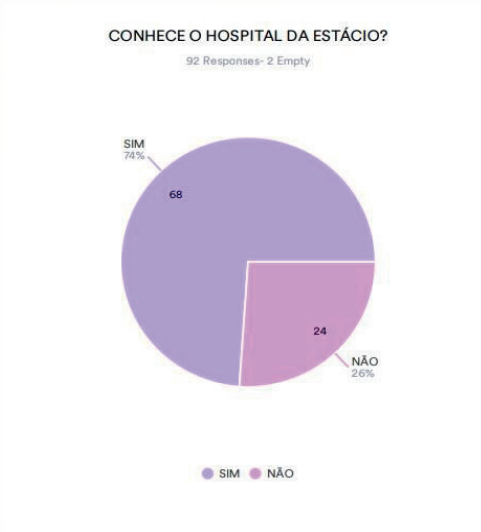
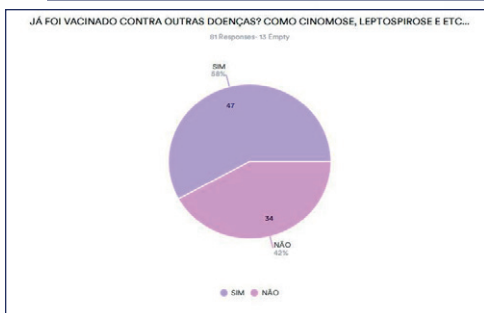
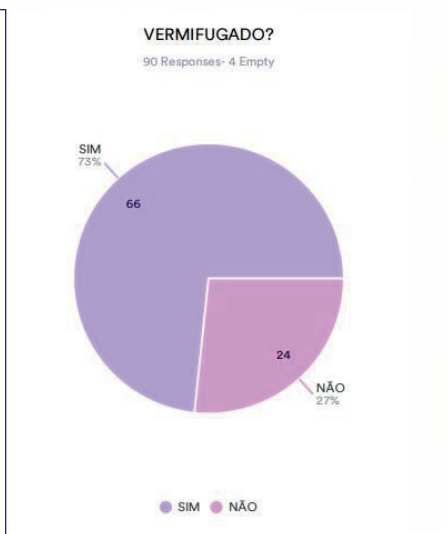
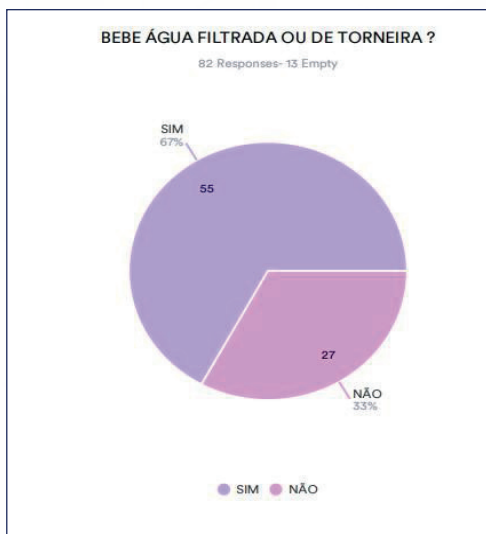
Vale ressaltar ainda, que a maior parte dos entrevistados se referem aos pets – gatos, cães e aves – com a mínima noção de que é necessário acompanhar os cuidados como vacinação de prevenção de doenças, assim como cuidados com o ambiente, alimentação, importância da qualidade da água oferecida e vermifugação em dia.

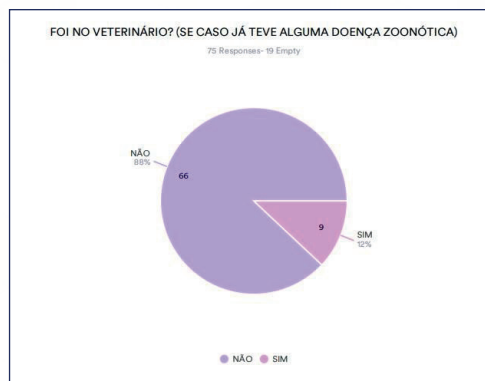
Na verdade, os riscos aumentam, pois quando não se conhece sobre determinado assunto/doença não se pode prevenir ou até mesmo tratar precocemente,

visto que 26% ainda não tinham conhecimento do hospital da Estácio no município por exemplo.

3.1 RESULTADOS DA ENTREVISTA







4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apontou que zoonoses são doenças transmitidas de animais para seres humanos, ou de humanos para os animais, sendo essa última de forma mais rara. As medidas de prevenção são realizadas pelo serviço de vigilância sanitária através de campanhas como o programa de imunização e o cuidado com o manejo de animais domésticos ou silvestres.

Com a conscientização da população dos riscos diretos e indiretos da transmissão das zoonoses, sejam elas prevalentes ou incidentes, aliado à priorização dos cuidados com os animais domésticos e sinantrópicos, que podem transmitir zoonoses, bem como as práticas que evitam a proliferação de vetores, haverá menos incidências dessas doenças transmissíveis aos seres humanos e, desta forma, os animais não serão mais vistos como “vilões” da transmissão das doenças.

Sendo assim, é válido que a questão das zoonoses deve ser tratada como quesito de saúde pública, na qual deve ser oferecido à população suporte e material de conscientização e informativos de fácil acesso e que atenda a todos.

5. REFERÊNCIAS

ÁVILA-PIRES, F. D. Zoonoses: Hospedeiros e Reservatórios. Caderno de Saúde Pública, v. 5 n. 1, p. 82-97, 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v5n1/07.pdf>. Acesso em: 31 de out de 2023.

BABBONI, S. D.; MODOLO, J. R. Raiva: Origem, Importância e Aspectos Históricos. UNOPAR, Científica. Ciências Biológicas e da Saúde, v. 13, n. Esp, p. 349-356, 2011.

Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/140925/ISSN1517-2570-2011-13-349-356.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 nov. 2023.

BARBOSA, A. D.; MARTINS, N. R. DA S.; MAGALHÃES, D. F DE M. Zoonoses e saúde pública: riscos da proximidade humana com a fauna silvestre. *Ciência Veterinária nos Trópicos*, v.14, n.1/2/3, p.1-9, 2011. Disponível em: [http://rcvt.org.br/volume14/Volume%2014_%202011%20de%201%20a%209_ZOONOSES.p df](http://rcvt.org.br/volume14/Volume%2014_%202011%20de%201%20a%209_ZOONOSES.pdf). Acesso em: 01 nov. 2023.

BASANO, S. DE A.; CAMARGO, L. M. A. Leishmaniose tegumentar americana: histórico, epidemiologia e perspectivas de controle. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 7, n. 3, pág. 328-337, 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2004000300010>

BATISTA, H. B. C. R.; FRANCO, A. C.; ROEHE, P. M. Raiva: uma breve revisão. *Acta Scientiae Veterinariae*, v. 35, n. 2, p. 125-144, 2007. Disponível em: [https://www.seer.ufrgs.br/ActaScientiaeVeterinariae/ article/view/15959/9503](https://www.seer.ufrgs.br/ActaScientiaeVeterinariae/article/view/15959/9503). Acesso em: 02 nov. 2023.

BELLEI, N; MELCHIOR, T. B. H1N1: pandemia e perspectiva atual. *Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial*, v. 47, n. 6, p. 611-617, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1676-24442011000600007> BIVANCO F. C., MACHADO C. D. S.; MARTINS E. L. 2006. Criptococose cutânea. *Arquivos Médicos do ABC*, v. 31, n. 2, p. 102-109, 2006. Disponível em: <https://portalnepas.org.br/amabc/article/view/261>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BONATTO, M. Ocorrência de larva migrans cutânea (LCM) e ovos de ancilostomídeos na areia de praias artificiais de Boa Vista da Aparecida, Paraná. Monografia (Curso de Farmácia) Faculdade Assis Gurgacz, 2013. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/upload/graduacao/tcc/53024cd2ad58c.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Brasília. Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses: normas técnicas e operacionais. Ministério da Saúde, 2016.

121 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_prevencao_controle_zoonoses.pdf. Acesso em: 31 out.2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Febre amarela. Guia para profissionais de saúde. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – 1. ed., atual. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 67 p. Disponível em: <https://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/janeiro/18/Guia-febre-amarela-2018.pdf>. Acesso em: 31 out.2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Doenças infecciosas e parasitárias. Guia de bolso. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 8. ed. rev. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 444 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_infecciosas_parasitaria_guia_bolso.pdf. Acesso em: 31 out.2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Manual de vigilância e controle da peste. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 92 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_controle_pestes.pdf. Acesso em: 31 out.2023.

BREGANÓ, R. M.; MORI, F. M. R. L.; NAVARRO, I. T. Toxoplasmose adquirida na gestação e congênita: Vigilância em Saúde, Diagnóstico, Tratamento e Condutas. EDUEL, Londrina: Eduel, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/cdtqr/pdf/mitsuka-9788572166768.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

COSTA, G. A.; CARVALHO, A. L., TEIXEIRA, D. C. Febre maculosa: atualização. Revista de Medicina de Minas Gerais, v. 26, Supl 6, p. S61-S64, 2016. <https://doi.org/10.5935/2238-3182.20160059> CUTLER, S. J.; FOOKS, A. R; VAN DER POEL, W. H. Public health threat of new, reemerging, and neglected zoonoses in the industrialized world. Emerging Infectious Diseases, v. 16, n. 1, p. 1-7, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.3201%2F1601.081467>

DEL FIOLE F. S.; JUNQUEIRA, F. M.; ROCHA, M. C. P.; TOLEDO, M. I.; BARBERATO FILHO, S. A febre maculosa no Brasil. Brasil. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 27, 6, p. 461–466, 2010. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2010.v27n6/461-466/pt>.

EMANUEL, J.; MARZI, A.; FELDMANN, H. Filovírus: ecologia, biologia molecular e evolução. *Advances in Virus Research*, v. 100, p. 189-221, 2018. <https://doi.org/10.1016/bs.aivir.2017.12.002> ESTEVAM, G.; JOB, J. R. P. P. Animais exóticos domesticados com potencial zoonótico - Revisão da literatura. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, v. 14, n. 2, p. 114-120, 2016. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2016/08/1259/142114.pdf>.

ERNANDES, A. P.; ANDRADE, H. M.; MELO, M. N.; COELHO, E. A. F.; AVELAR, D.; GAZZINELLI, R. T. Leishmaniose visceral canina: Novos antígenos para diagnóstico e vacinas. *Revista de Saúde Pública do SUS/MG*, v. 1, n. 1. 2013. Disponível em: <http://revistageraisaude.mg.gov.br/index.php/gerais41/article/view/284/135>.

FIALHO, C. G.; TEIXEIRA, M. C.; ARAUJO, F. A. P. Toxoplasmose animal no Brasil. *Acta Scientiae Veterinariae*, v. 37, n. 1, p. 1-23, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/actavet/37-1/art805.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

FOLEGATTI, P. M.; EWER, K. J.; ALEY, P. K.; ANGUS, B.; BECKER, S.; BELIJ-RAMMERSTORFER, S.; HAMLIN, J. Safety and immunogenicity of the ChAdOx1 nCoV-19 vaccine against SARS-CoV-2: a preliminary report of a phase 1/2, single-blind, randomised controlled trial. *The Lancet*, v. 396, n. 10.249, p. 467-478, 2020. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31604-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31604-4)

FIOCRUZ. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Combate à epidemia de H1N1: um histórico de sucesso. Centro de Estudos Estratégicos da FIOCRUZ. Ministério da Saúde, Brasil. 2021. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1314>.

GROSETH, A.; FELDMANN, H.; STRONG, J. E. The ecology of Ebola vírus. *TRENDS in Microbiology*, v. 15, n. 9, p. 408-416, 2007. <https://doi.org/10.1016/j.tim.2007.08.001> HUBÁLEK, Z. Emerging human infectious diseases: anthroponoses, zoonoses, and

sapronoses. *Emerging Infectious Diseases*, v. 9, n. 3, p. 403-404, 2003. 10.3201/eid0903.020208

MARTINS, F., S., V.; CASTIÑEIRAS, T., M., P., P. Leptospirose. Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. UFRJ/CCS/Faculdade de Medicina. Cives - Centro de Informação em Saúde para Viajantes. 2016. Disponível em: [http://www.cives.ufrj.br/informacao/leptospirose/lep-iv.html#:~:text=A%20leptospirose%20%C3%A9%20primariamente%20uma,porcos%2C%20cabras%2C%20ovelhas\)>](http://www.cives.ufrj.br/informacao/leptospirose/lep-iv.html#:~:text=A%20leptospirose%20%C3%A9%20primariamente%20uma,porcos%2C%20cabras%2C%20ovelhas)>). Acesso em: 02 nov. 2023.

MATOS, A.C.; MARTINS, M.V.; COELHO, A.C.; PINTO, M.L.; MATOS, M.M.; FIGUEIRA, L. Zoonoses emergentes e reemergentes e vida selvagem. II Jornadas de Saúde

Pública Veterinária, UTAD, Vila Real, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/3500/1/Zoonoses%20Emergentes%20e%20Reemergentes%20e%20Vida%20Selvagem.pdf>.

MESSENGER, A. M.; BARNES, A. N.; GRAY, G. C. Reverse zoonotic disease transmission (zooanthroponosis): a systematic review of seldom documented human biological threats to animals. *PLoS ONE*, v. 9, n. 2, e89055, 2014. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0089055>

MORAES-FILHO, J. Febre maculosa brasileira. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, v. 15, n. 1, p. 38-45, 2017. Disponível em: <https://www.revistamvez-crmv-sp.com.br/index.php/recmvz/article/view/36765/41353>.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Conselhos sobre doença coronavírus (COVID-19) para o público: quando e como usar máscaras. Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/when-and-how-to-use-masks>.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Módulos de Princípios de Epidemiologia para o Controle de Enfermidades. Organização Pan-Americana da

Saúde. Brasília. Ministério da Saúde, 2010. 48 p.: il. 7 volumes. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/modulo_principios_epidemiologia_2.pdf.

PAIVA, L. J. M.; OLIVEIRA, L. R.; AIRES, W. O.; PEREIRA, R. E. P. Influenza Aviária. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, v. 7, n. 12, 2009. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/SEay6rMxZO51tAq_2013-6-21-11-45-53.pdf.

PIGNATTI, M.G. Saúde e ambiente: as doenças emergentes no Brasil. Ambiente & Sociedade, v. 7, n. 1, p. 133-147, 2004. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2004000100008>

POLACHINI, C. O.; FUJIMORI, K. Leptospirose canina e humana, uma possível transmissão conjuntival no Município de São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil. Revista Pan-Amazônica de Saúde, v. 6, n. 3, p. 59-65, 2015. <https://doi.org/10.5123/S2176-62232015000300008>

QUEIROZ, J. P. A. F.; SOUSA, F. D. N.; LAGE, R. A.; IZABEL, M. A.; SANTOS, S. G. Criptococose – Uma revisão Bibliográfica. Acta Veterinaria Brasilica, v. 2, n. 2, p. 32-38, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/acta/article/view/699/310>.

REIS-FILHO, J. B.; NEVES, A. C.; ZYMBERG, S. T.; OLIVEIRA R. M. C. O líquido cefalorraquiano inicial 173 Gomes et al. Vol. 25, n.2, 2022 nas meningencefalites por *Cryptococcus neoformans*. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, v. 27, n. 4,

173-178, 1985. <https://doi.org/10.1590/S0036-46651985000400003> REY, L. Um século de experiência no controle da ancilostomíase. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v. 34, n. 1, p. 61-67, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0037-86822001000100010>

RIBEIRO, M.; ANTUNES, C. M. F. Febre amarela: estudo de um surto. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v. 42, n. 5, p. 523-531, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0037-86822009000500009>

ROCHA, M. J.; WEBER, D. M.; COSTA, J. P. Prevalência de larvas migrans em solos de parques públicos da cidade de Redenção, estado do Pará, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 10, e201901607, 2019. <https://doi.org/10.5123/s2176-6223201901607>

RODRIGUES, C. F. M.; ROGRIGUES, V. D.; NERES, J. C. I.; GUIMARÃES, A. P. M. Desafios da saúde pública no Brasil: relação entre zoonoses e saneamento. *Scire Salutis*, v. 7, n. 1, p. 27-37, 2017. <https://doi.org/10.6008/SPC2236-9600.2017.001.0003>.

SEIMENIS, A.M. The spread of zoonoses and other infectious diseases through the international trade of animals and animal products. *Veterinaria Italiana*, v. 44, p. 591599, 2008. Disponível em: https://www.izs.it/vet_italiana/2008/44_4/591.pdf.

SILVA, A. C. R.; NOGUEIRA, L. U.; ALVARES NETO, H. J.; ROCHA, F. R. T.; CARRIJO, M. S.; BARCELOS, K. A. Caracterização das zoonoses no Município de Iporá – GO. *Pubvet*, v. 3, n. 25, 623, 2009. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/material/Carrijo623.pdf>. Acesso em 25 mar. 2021.

SILVA, A. C.; ARAÚJO, C. M. C.; BARBOSA, M. P. G.; FROTA, N. Q.; SÁ, P. B. S.; SOUSA, T. L.; TIMBÓ, V. S.; TEXEIRA, A. B. Febre Amarela. *Revista Brasileira de Análises Clínicas*, v. 50, n. 3, 2018. <https://doi.org/10.21877/2448-3877.201800731>